



# 50

*anos depois  
do primeiro  
transplante*

# Uma história única e irrepetível

Em Portugal, o primeiro transplante de um órgão foi feito em Coimbra. Passaram 50 anos. É essa a história que queremos escrever e que deve ser lida. A narrativa envolve um médico-cirurgião e o instinto de sobrevivência de todos quantos conseguiu emancipar da morte. Desafiaram-se as leis da fatalidade biológica.

Esta história não é de hoje, começou a ser desenhada há 50 anos, quando Linhares Furtado iniciou um percurso impar na história da transplantação em Portugal, porque ao transplante de rim, haveria de se seguir o transplante de fígado (adulto e crianças), de pâncreas e ainda o transplante intestinal... Uma história única e irrepetível que começou no mesmo dia em que o Homem pisou a Lua.

# O GÊNIO DA CIRURGIA

A temperatura estava elevada no fato espacial. A gravidade atenuada... O “planeta” azul estava distante e os pés humanos tinham acabado de tocar o solo lunar.

Numa outra nave, num velho Hospital, o Alexandre transpirava, o gelo derretia e uma vida em sofrimento agarrava-se à vida.

O Alexandre não tinha inventado nada, só estava a cumprir a sua missão, tinha jurado Hipócrates, queria afrontar os velhos do Restelo, estava a preparar uma vida para uma nova viagem de circum-navegação, à volta da ciência e dos amigos.

O Alexandre é um modelo de Médico, é um ser que acredita que os outros merecem ser restaurados pelos melhores. Vi-o cansado, soube que saltou portões, que se levantou da cama quando era necessário ou quando imaginava que o poderia ser. A insónia era transformada no projeto para a próxima cirurgia.

O Alexandre é Professor, é o exemplo. O Alexandre Furtado furtou a competência, a sabedoria e a arte a outros, para as entregar a quem precisava, os doentes.

O Alexandre é o Médico que emancipou da morte aqueles que salvou. Entre nós, é o companheiro, é o Colega, é o génio da cirurgia... É um grande Amigo.

*António Travassos  
(Médico Oftalmologista)*











# ENTRE BURBURINHOS

Depois de dois anos em Moçambique a cumprir serviço militar, Linhares Furtado regressou a Coimbra e ao seu Hospital e começou por refazer o “trabalho de casa”. Já com legislação que permitia a colheita de órgãos em cadáveres, Linhares Furtado presidiu a primeira Comissão Nacional de Diálise e Transplantação que viria a criar os centros de histocompatibilidade do norte, centro e sul. Mas a colheita de órgãos em cadáveres acabaria por gerar desconfiança e “escândalo”. O burburinho era grande, apesar de as primeiras colheitas em cadáver serem feitas com o coração já parado. O desconhecido solta o medo e a aplicação do conceito de morte cerebral chegaria muito mais tarde a Portugal.



Definida como irreversível, a morte cerebral representa a morte das células do sistema nervoso e da pessoa. Contudo, com oxigenação e circulação sanguínea artificial, é possível que células de outros órgãos possam viver para além do momento da declaração da morte. É a aplicação deste avanço científico, associado ao suporte cardio-respiratório artificial, que vai permitir a colheita de órgãos ainda em condições de retomarem a suas funções, quando restituída a sua circulação sanguínea. A respiração e o batimento cardíaco, por si só, deixaram de ser sinónimos de vida.

Os transplantes ganharam qualidade, porque a viabilidade ou não de um órgão ou enxerto para transplante depende muito desta “normalidade” que se mantém artificialmente, por oposição aos órgãos que ficam numa situação de isquemia total, tão só porque a circulação sanguínea foi interrompida.



A aceitação do desafio da transplantação teria de esperar pelo relato das histórias com um final feliz, contadas na primeira pessoa, porque um transplante de rim – é isso mesmo que proporciona, uma oportunidade de prolongamento da vida e, principalmente, melhor qualidade de vida. Para o fígado, a história é outra. O transplante é a única esperança de sobreviver à morte.









**20 JULHO | 21h00**

**Pateo das Escolas  
Universidade de Coimbra**

**Orquestra Clássica do Centro  
Elisabete Matos, soprano  
Martin André, maestro**

# CONCERTO HOMENAGEM

20 julho 1969 - 20 julho 2019  
50 anos depois do 1º transplante  
em Portugal  
pelo Prof Doutor

**ALEXANDRE LINHARES FURTADO**



ORQUESTR  
CLÁSSICA  
DO CENTRO

# REENCONTROS AO LUAR

A lua não poderia estar mais perto. Foi assim há 50 anos e volta a ser assim no dia 20 de julho, quando a Orquestra Clássica do Centro subir ao palco construído no Pateo das Escolas da Universidade de Coimbra. Este será o momento para reencontros. Do cirurgião com a arte e da cidade de Coimbra com o cirurgião. Estão todos convidados, porque a entrada é de acesso livre e preparem-se para assistirem a um momento único. A emoção estará à flor da pele quando a soprano Elisabete Matos começar a fazer ouvir a sua voz, acompanhada pela Orquestra Clássica do Centro, sob a batuta do maestro Martin André.

Um espetáculo à medida do homenageado e que pretende, tão só, elevar a arte de quem soube elevar o nome da cirurgia portuguesa. Tal como ontem, Coimbra continuará a ser o palco.

## Martin André

A batuta estará na mão de Martin André, que terá a responsabilidade de transmitir andamento, expressividade e ritmo a toda a atuação. Martin André é um dos raros maestros que dirigiu todas as principais companhias de ópera britânicas e, hoje, tem relações privilegiadas com a Orquestra Sinfónica do Porto/Casa da Música.

## Elisabete Matos

Aluna do Conservatório de Braga foi em Espanha que arrebatou os primeiros aplausos. Plácido Domingo e José Carreras reconheceram-lhe o talento e desde então que a soprano bracarense tem atuado nas mais variadas salas internacionais, com o público de pé e rendido aos seus dotes vocais.

## Orquestra Clássica do Centro

A Orquestra Clássica do Centro é reconhecida pela sua elevada qualidade artística e cultural, patente nas suas atividades, no vasto repertório musical que apresenta na execução dos seus músicos profissionais e dos maestros que a dirigem, sendo neste momento Jan Wierzbka o maestro titular. Além da sua formação clássica habitual realiza pontualmente concertos com uma densidade tímbrica e orquestral sinfónica além das formações de trios, quartetos e quintetos, entre outras. O Concerto Homenagem é organizado pela Orquestra Clássica do Centro.

